

Regiões

Café do norte-noroeste mineiro e oeste baiano alcança bom nível

José Braz Matiello, André Luís Teixeira Fernandes e Durval Rocha Fernandes*



LUIZ EDUARDO MAGALHÃES

Norte/noroeste de MG e oeste da BA se tornaram novos polos da cafeicultura arábica, em larga escala e com modernas tecnologias, como a irrigação: 2012

As áreas tradicionais de cultivo de café no centro-sul do Brasil foram zoneadas para o café arábica por apresentarem condições de temperaturas mais amenas, com médias anuais entre 19°C e 21°C. As regiões mais quentes são aptas ao cafeeiro robusta; no entanto, a partir de 1996, as regiões norte/noroeste de Minas Gerais e leste da Bahia se tornaram novos polos da cafeicultura arábica, apesar de apresentarem temperatura média anual mais alta, entre 22°C e 24°C (Tabela 1). Trata-se de uma cafeicultura empresarial, em larga escala, com o emprego de modernas tecnologias – como

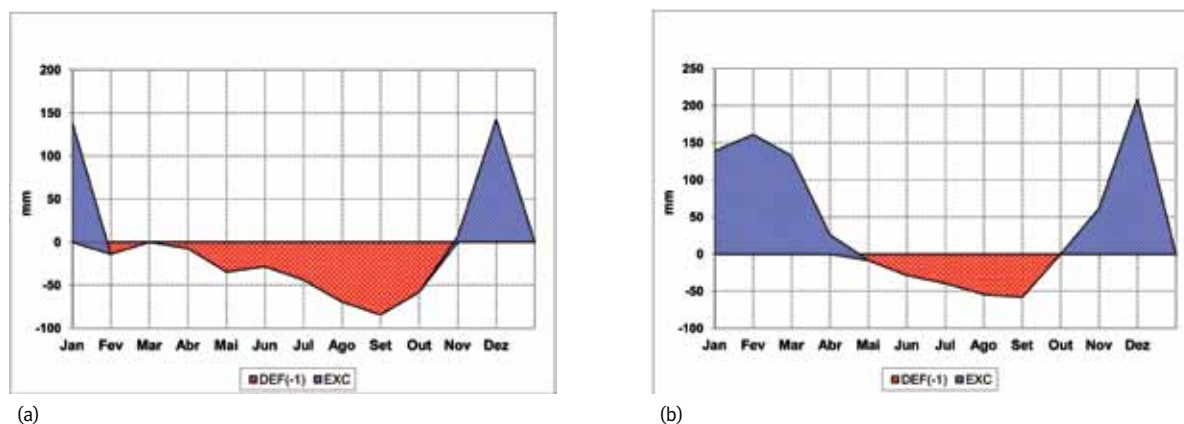
a irrigação e a mecanização das lavouras.

A área total de cafezais comerciais é estimada, no norte-noroeste de Minas, em 15 mil hectares e, no oeste da Bahia, em 13 mil hectares. A topografia dessas regiões varia de plana a ondulada, favoráveis à atividade agrícola. Os solos contêm de 15% a 35% de argila; são quimicamente pobres e a cobertura vegetal nativa, em sua maioria, é composta por cerrado. As altitudes variam de 500 m a 1.000 m, e a precipitação pluvial média é de 800 mm a 1.300 mm anuais. Apesar de a precipitação anual não ser tão baixa,

é mal distribuída, com déficits hídricos entre abril e setembro, e necessidade de irrigar, cultura perene (Tabela 1 e Figura 1). O sistema de irrigação mais usado é o pivô central equipado com emissores localizados denominado *Low Energy Precision Application* (Lepa) (Figura 2).

O plantio da lavoura é feito em círculo (Figura 3), em renque, com espaçamentos entre 3,6 m a 4,0 m entre linhas, e 0,5 m a 0,8 m entre plantas na linha. O Catuai é o cultivar mais adaptado e plantado. Este sistema possibilita a aplicação de adubos, corretivos e defensivos pelo sistema de

FIGURA 1 | BALANÇO HÍDRICO/CLIMATOLÓGICO: (A) PIRAPORA, MG, E (B) BARREIRAS, BA



Fonte: Fundação Procafé; Pirapora, MG, e Associação dos Irrigantes da Bahia, Barreiras, BA.

TABELA 1 | DADOS MÉDIOS DE CHUVA E TEMPERATURA NOS MUNICÍPIOS DE PIRAPORA, MG, A 510 M ALTITUDE, E EM BARREIRAS, BA, A 700 M DE ALTITUDE

MESES	PIRAPORA – MG		BARREIRAS – BA	
	T média (°C)	chuva (mm)	T média (°C)	Chuva (mm)
Setembro	25,0	20	23,9	35
Outubro	26,5	60	24,1	120
Novembro	25,6	260	23,0	270
Dezembro	25,4	280	22,1	307
Janeiro	26,5	230	22,9	247
Fevereiro	26,6	70	22,9	256
Março	25,4	170	22,7	231
Abril	24,6	70	22,5	114
Mai	22,3	5	20,6	20
Junho	19,0	2	20,4	1
Julho	20,4	0	20,3	4
Agosto	23,0	4	21,2	5
Média/total	24,2	1171	22,2	1610

Fonte: Fundação Procafé (Pirapora) e Associação dos Irrigantes da Bahia (Barreiras).

irrigação, com economia de água, pela aplicação localizada. A topografia das duas regiões permite a instalação destes equipamentos (Figura 4). Também existem áreas com sistemas de irrigação localizados ou por gotejamento, embora mais de 90% dos sistemas, nas duas regiões, sejam os mecanizados via pivô central.

O manejo das práticas culturais é feito com alto índice de mecanização. No controle do mato, são usadas roçadoras ou trinças, combinadas com herbicidas de pós-emergência. No controle fitossanitário, aplicam-se

defensivos via solo, por meio da água de irrigação, denominada quimigação, com complemento foliar, de duas a quatro vezes ao ano, quando são incluídos os micronutrientes, fungicidas cúpricos, triazóis e estrobilurinas. Nos cafezais em produção aplicam-se de 400 kg a 600 kg de nitrogênio (N) e potássio (K) por hectare, cerca de 80 kg a 100 kg de pentóxido de fósforo (P_2O_5) e 15 kg a 20 kg de ácido bórico (H_3BO_3), por meio da irrigação. A calagem, para correção da acidez e suprimento de cálcio (Ca) e magnésio (Mg), se faz diretamente no solo.

Nos últimos anos, comprovou-se a eficiência da cal virgem dolomítica (CaO + MgO), em dose baixa, aplicada por pivô. Quando os teores de P e K no solo são classificados como de médio a alto, pode-se reduzir ou eliminar, temporariamente, a adubação. A quantidade de N, P, e K aplicada em 5 t/ha a 6 t/ha de palha deve ser descontada da dose do fertilizante. A irrigação é feita com base no balanço hídrico climatológico sequencial, obtido em estações meteorológicas automáticas (Matiello, 2009). Em média, aplica-se uma lâmina anual na faixa de 500 mm a 700 mm, nessas regiões.

Quanto ao desenvolvimento das plantas, verifica-se que crescem mais do que nas regiões tradicionais e, entre sete e oito anos, alcançam alturas superiores a 3,5m. Em razão disso, ocorre o fechamento precoce das lavouras, e tombamento das plantas, devido ao tronco mais fino das plantas em renque. Uma saída é amarrá-las antes da colheita; outra opção é a poda por decote alto e/ou esqueletamento mais cedo, após a quinta ou sexta colheita. Nas duas regiões, os principais problemas de pragas e doenças são o bicho-mineiro, a ferrugem e a cercosporiose, controladas quimicamente. Há, também, surtos de cochonilha do fruto, ácaro vermelho e ácaro da leprose (baixa infestação), além das lagartas-medepalmo, da roseta e a mosca do fruto.

FIGURA 2 | PIVÔ CENTRAL, COM EMISSORES LEPA



ANDRÉ L. T. FERNANDES

Nas áreas mais altas, ocorre, ainda, o ataque de *Phoma-Ascochyta*, principalmente nas flores e nos frutos.

Em termos de produtividade, essa “nova cafeicultura” alcança níveis médios de 50 a 70 sacas por ha, bastante alto se comparado aos das demais regiões, como consequência de um período maior de crescimento das plantas, uma vez que a temperatura média é superior a 19°C, em todos os meses. A adaptação da cafeicultura a essas regiões se deu em dois aspectos: em relação ao ambiente e, também, do ponto de vista agrônomo. No aspecto ambiental, destacam-se a irrigação,

para suprir a demanda hídrica e atenuar a temperatura da planta; a correção e o manejo do solo, a fim de garantir a necessidade nutricional. Quanto à adaptação agrônoma, cabe mencionar o emprego de variedades tolerantes; o plantio em renque mecanizado, que aumentou a autoproteção dos cafeeiros, e diminuiu a produtividade por planta; o controle eficiente de pragas e doenças, e o aumento da dose de nitrogênio e cobre para amenizar a escaldadura foliar.

Nas regiões de altitudes mais baixas, como no alto-médio São Francisco e em Pirapora, o abortamento da florada, com formação de estrelinhas, foi solucionado com um pequeno estresse hídrico, por volta de 150 mm, ou cerca de 45 dias, entre junho e agosto. Com isso, antecipou-se a floração de modo uniforme. O estresse hídrico controlado também é utilizado, com sucesso, na cafeicultura do oeste da Bahia, cuja época varia de um ano para outro.


A qualidade do café natural ou despolpado é padrão bebida dura para melhor. Há benefício à qualidade, quando o cafeeiro é cultivado nas áreas mais altas, em razão da baixa umidade no período de colheita, o que acelera a secagem dos frutos. As provas de xícara de amostras de café de várias microrregiões no oeste baiano, de café natural e cereja descascada, da safra 2010/2011, de acordo com a metodologia da SCAA, estão apresentadas na Tabela 2. Para os provadores, o café do oeste baiano possui corpo acentuado, acidez,

TABELA 2 | NOTAS DA *SPECIALTY COFFEE ASSOCIATION OF AMERICA (SCAA)* EM ANÁLISES DE CAFÉS PRODUZIDOS EM MUNICÍPIOS DO OESTE DA BAHIA

REGIÕES	NATURAL	CEREJA DESCASCADA
Cocos	82,8	84,0
São Desidério	84,0	83,7
Luiz Eduardo Magalhães	84,4	85,6
Barreiras	84,3	81,5

Fonte: Associação dos Cafeicultores do Oeste da Bahia (Abacafé), 2012

leve doçura, sabor agradavelmente frutado, gosto remanescente prolongado e aroma floral, com boa densidade.

Quanto ao aspecto econômico, a cafeicultura dessas regiões é viável, visto que o custeio anual, incluindo irrigação, tratos culturais, colheita e preparo dos grãos encontra-se na faixa de R\$ 10 mil a R\$ 12 mil por hectare, ou um custo na faixa de R\$ 150 a R\$ 200 por saca de 60,5 kg de grãos beneficiados. Este custo é inferior aos das zonas tradicionais de café arábica. Toda a tecnologia empregada para sustentar a cafeicultura nessas regiões tem como base os resultados de pesquisas, assim como as observações feitas pelos consultores. Essas pesquisas, muitas delas conduzidas nas fazendas de colaboradores, ajudam no constante aperfeiçoamento do manejo das plantações. 

***José Braz Matiello** (jb.matiello@yahoo.com.br) e **Durval Rocha Fernandes** (durvalrj@terra.com.br) são engenheiros agrônomos com atuações no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e na Fundação Procafé e **André Luís Teixeira Fernandes** é engenheiro agrônomo de água e solo e professor Universidade de Uberaba (Uniuibe) (andre.fernandes@uniube.br).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATIELLO, J.B.; FERNANDES, A.L.T.; SANTINATO, R. *Facilitando a irrigação em cafezais*. Varginha: Fundação Procafé, 2009, 88 p.
 SANTINATO, R.; FERNANDES, A.L.T.; FERNANDES, D.R. *Irrigação na cultura do café*. 2. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2008, 476 p.

FIGURA 3 | PLANTIO CIRCULAR DO CAFEIRO



ANDRÉ L. T. FERNANDES

FIGURA 4 | VISTA GERAL DA CAFEICULTURA IRRIGADA, EM REGIÃO QUENTE



ANDRÉ L. T. FERNANDES